

Aproximação Bibliográfica Exploratória ao Movimento Estudantil Chileno e às Ocupações Estudantis Brasileiras ¹

Andressa da Cruz CAPRECCI²
Richard ROMANCINI³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O trabalho apresenta dados preliminares de um levantamento da produção científica sobre o movimento estudantil no Chile, nos anos de 2006 e 2011, e as ocupações escolares, ocorridas em 2015 e 2016, no Brasil. No conjunto dos trabalhos localizados (435), tem-se interesse em caracterizar, de maneira geral, essa produção, verificando como a educação e a comunicação situam-se na análise dessas mobilizações. Percebe-se, assim, uma expressiva produção sobre essas ações coletivas, com predominância para o movimento chileno, até por sua maior antiguidade. Também se verifica que o ápice da publicação de trabalhos abordando esses movimentos se deu em 2017 e que, em termos dos artigos, as áreas das revistas científicas em que os publicaram foram, principalmente, *Ciências Sociais*, *Educação e Comunicação e Informação*.

PALAVRAS-CHAVE: movimentos estudantis, produção científica, educomunicação, Brasil, Chile.

INTRODUÇÃO

A temática do congresso deste ano da Intercom – “Comunicação e resistência: práticas de liberdade para a cidadania” – possui inequívoca relação com o objeto de estudo deste trabalho: as ações coletivas realizadas por estudantes no Chile, em 2006 e 2011, e no Brasil, no ciclo de protestos entre os anos de 2015 e 2016. Isso ocorre, em particular, porque em ambos os casos o estopim decorreu da falta de diálogo com representantes políticos e por essas mobilizações estarem ligadas à crítica ao neoliberalismo e à privação da educação. É possível dizer, ainda, que essas ações juvenis possuem desdobramentos no âmbito da luta por direitos sociais. O trabalho se voltará a esses casos de maneira indireta, ou seja, por meio de um estudo da produção

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, e-mail: andressa.caprecci@usp.br

³ Professor Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, e-mail: richardromancini@usp.br

científica efetuada sobre eles. O objetivo principal é perceber características dessa literatura, para refletir, particularmente, sobre o modo como as abordagens mais ligadas à educação, à comunicação e à interface entre essas áreas comparecem no todo, distinguindo temáticas e abordagens privilegiadas, entre outros pontos.

A opção pelo estudo comparado se dá, em primeiro lugar, pelo fato de que são observadas influências do movimento chileno, em termos de táticas, por exemplo, nas ações brasileiras. Ao mesmo tempo, em ambos os casos, as análises reconhecem a importância das tecnologias de comunicação para a organização dos estudantes. Há também um fator de originalidade na proposta: a perspectiva bibliográfica comparada Brasil-Chile desses casos é quase inexistente, permitindo aprofundar o diálogo entre o conhecimento científico, bem como as práticas sociais, desses dois países.

Embora o estudo da materialidade bibliográfica seja o centro do trabalho, é válida a contextualização dos casos, para melhor compreensão das próprias análises decorrentes. Nesse sentido, na próxima seção, é feita uma descrição dos movimentos em questão; em seguida a metodologia de coleta e análise dos dados é exposta, antecedendo a parte analítica do artigo.

AS MOBILIZAÇÕES ESTUDANTIS NO CHILE E NO BRASIL

A democracia no Chile e no Brasil é recente: a ditadura militar chilena durou de 1973 a 1990, já o regime autoritário brasileiro foi de 1964 a 1985. Os períodos de exceção nos dois países deixaram um legado de desigualdades, refletidas na educação, que impulsionaram as mobilizações estudantis nos dois países.

Assim, no Chile, já durante o governo democrático da socialista Michelle Bachelet, em 2006, os estudantes secundaristas realizaram um protesto contra aspectos pontuais das condições escolares, mas também dimensões estruturais, em particular, criticando o viés liberal da Lei Orgânica Constitucional da Educação (LOCE) que tinha sido promulgada no último dia da ditadura de Pinochet. Nesse momento do movimento estudantil chileno, que acabou conhecido como *Revolta dos Pinguins* (devido ao uniforme utilizado pelos estudantes secundaristas), foi notável o uso de tecnologias digitais (fotologs, aplicativos de mensagens instantâneas etc.). Paulatinamente os estudantes conquistaram apoio popular e retomaram a tática da *tomada* (ocupação) de colégios – aspecto que terá influência na mobilização brasileira. As negociações com o

governo foram marcadas por idas e vindas e os estudantes não alçaram todas as suas demandas, no entanto, a LOCE foi anulada pelo governo em 2007.

Muitos dos estudantes secundaristas de 2006 estiveram na vanguarda do movimento de 2011, como Camila Vallejos, que, depois, iniciaria uma carreira política, sendo hoje deputada pelo Partido Comunista do Chile. Nesse caso, a mobilização estudantil foi sobretudo universitária, o que se relaciona às demandas, como a de gratuidade no ensino superior, e se deu durante a presidência do conservador Sebastián Piñera. Por ter ocorrido num momento em que a conectividade à internet, os dispositivos e as plataformas digitais (smartphones, Facebook, Twitter, por exemplo) tinham maior disseminação, houve forte uso desses instrumentos pelos estudantes. O uso estratégico da mídia digital, assim como a participação juvenil, também caracterizou os protestos da quase concomitante *Primavera Árabe*, nos países do Oriente Médio e da África do Norte. Por isso, a mobilização do Chile em 2011 foi chamada por alguns de *Inverno Chileno*. O movimento teve formas diversas de manifestações (greves estudantis, marchas, *flash-mobs*) e durou vários meses, provocando a perda de popularidade de Piñera. Houve tentativas de diálogo entre o governo e os estudantes, no entanto, sem muito sucesso.

Ao mesmo tempo em que algumas reivindicações foram atendidas, havia ameaças de perda de bolsa por universitários. Esses fatores contribuíram para enfraquecer o movimento. Alguns estudantes tentaram dar segmento aos protestos, ainda em janeiro de 2012, mas não tiveram forças para dar continuidade a ele.

Rossi (2011) avalia que a ação estudantil chilena conquistou algumas vitórias como a diminuição das taxas de juros sobre os empréstimos estudantis para arcar com o ensino superior, ao mesmo tempo que houve aumento no ingresso nas universidades. A vitória principal, segundo o autor, foi a emergência do debate, que se tornou constante.

Atualmente, uma Convenção Constitucional elabora o que será a nova Carta chilena, substituindo a deixada pela ditadura. É provável que muitas das demandas dos movimentos descritos (como a gratuidade do ensino superior público) sejam discutidas, indicando talvez vitórias de longo prazo do movimento estudantil chileno, uma vez que a direita do país elegeu uma minoria de representantes (MONTES, 2021).

No caso brasileiro, as ações coletivas ocorridas entre 2015 e 2016 retomaram, assim como no Chile, uma longa trajetória de lutas estudantis que, mais marcadamente,

conforme Gohn (2019), remonta aos anos de 1970. As ocupações estudantis iniciaram-se em São Paulo, sendo motivadas, conforme Medeiros et al. (2019) pela oposição às reformas educacionais de caráter liberal, ao descaso e à precariedade do setor. O estopim foi o projeto governamental de “reorganização escolar”, que fecharia 94 escolas, remanejando 300 mil estudantes secundaristas. Insatisfeitos com a medida, tomada sem diálogo, os estudantes foram às ruas, em atos na capital e interior do estado.

Esses atos não ganharam espaço na grande mídia e o governo estadual ignorou as reivindicações. Por isso, os secundaristas realizaram uma mudança tática, passando a ocupar escolas – a cartilha “Como ocupar um colégio”, feita por estudantes argentinos e chilenos, teve ampla circulação digital. Essa estratégia deu visibilidade ao protesto, que fez forte uso das redes sociais. As demandas e o cotidiano das ocupações eram mostrados pelos estudantes. A duração da ação e outras táticas, como a ocupação de avenidas, desgastaram o governo e os estudantes ganharam cobertura na mídia. Uma palavra de ordem comum nas manifestações de rua era “Isso aqui vai virar o Chile!”, destacando a inspiração do movimento dos estudantes chilenos.

As ocupações propiciaram um aprendizado político, pois contaram com auto-organização, assembleias e oficinas formativas, demonstrando a horizontalidade e a autonomia da ação coletiva (MEDEIROS et al., 2019, p. 21). Desse modo, a ação foi além de uma luta pontual contra a reorganização escolar, pois questionou outras estruturas dominantes – como o autoritarismo e o sexismo – e indicou “o potencial de renovar as ideias contra-hegemônicas da educação brasileira” (XIMENES, 2019, p. 71).

O governo estadual paulista acabou, ao menos de forma explícita, recuando em seu plano de reorganização, o que levou a uma paulatina desocupação das escolas, após cerca de dois meses. Entretanto, a insurgência dos secundaristas paulistas, iniciada em 2015, inspirou e energizou mobilizações de outros estudantes, no ano seguinte, tanto ainda em São Paulo (em escolas técnicas), quanto em outros estados brasileiros. Em um ano, cerca de 2000 escolas foram ocupadas (MEDEIROS et al., 2019, p. 21).

Esse prolongamento do ciclo de protesto estudantil brasileiro alcançou também os universitários, de modo que autores como Groppo (2018) falam num movimento com duas ondas. A primeira, propriamente secundarista, foi de dezembro de 2015 a junho de 2016, e a outra, mais curta, mais nacionalizada e com pautas mais amplas (com críticas a medidas educativas, como a reforma do ensino médio, do governo Temer), teria

ocorrido entre outubro e dezembro de 2016. As mobilizações não obtiveram vitórias quanto às demandas de caráter macro, no entanto, em termos de aprendizado político estudantil e de reivindicações, por vezes mais locais, foram feitas conquistas.

METODOLOGIA

Segundo Martino (2018), a pesquisa bibliográfica é uma “pesquisa da pesquisa” e tem como foco “mostrar as tendências de investigação a respeito de um tema ou conceito” (MARTINO, 2018, p. 96). A pesquisa bibliográfica representa, assim, o “esforço de descobrir o que já foi produzido cientificamente em uma determinada área do conhecimento [...] impulsionando o aprendizado, o amadurecimento, os avanços e as novas descobertas nas diferentes áreas do conhecimento” (PIZZANI et al., 2012, p. 56). Dessa maneira, neste trabalho, objetiva-se identificar estudos acadêmicos que tratam das ondas de 2006 e 2011 do movimento estudantil chileno e das ondas 2015 e 2016 das ocupações no Brasil.

Numa pesquisa de teor bibliográfico, o corpus representa o campo de observação para o estudo, embora não esgote o conjunto de leituras necessárias para o desenvolvimento do trabalho científico. Não basta procurar, selecionar, ler e discorrer sobre determinado conjunto de trabalhos; é necessário fazer isso com método e a partir de determinadas preocupações científicas.

Buscando operar a partir dessa preocupação com a sistematicidade, realizou-se a principal operação empírica do estudo que foi a coleta de dados, reunindo trabalhos sobre os movimentos chileno e brasileiro. Para Lima e Miotto (2007) a seleção dos dados deve ser feita sob parâmetros que sejam escolhidos e explicitados, como: 1) parâmetro temático – ou seja, as obras relacionadas ao objeto de estudo e temas associados; nesse caso procurou-se garantir isso por uma busca nas bases de dados a partir de termos diretamente associados aos movimentos: “movimento estudantil”, “mobilização”, “Chile”, “Brasil” (usando também vocabulário em língua inglesa para esses termos), inclusive em combinações; 2) o parâmetro linguístico – no caso, indicam-se as obras nos idiomas obtidos na coleta; c) as principais fontes que se pretende consultar, no caso, optando-se no momento por um critério amplo para os materiais (artigos científicos e de evento, capítulos, teses etc.); d) o parâmetro cronológico de publicação – para seleção das obras que compõem o universo a ser

pesquisado, no caso, desde que começaram a ser produzidos até o momento da coleta, em 2019. É informado também o parâmetro das bases de dados, caracterizando as fontes de busca do material bibliográfico. As bases de dados, buscadores de produção científica (Google Acadêmico) e repositórios científicos (Researchgate e Academia) informadas foram escolhidas devido tanto ao caráter generalista da busca de material bibliográfico, caso dos dois últimos, em particular, quanto pelo foco em comunicação da base de dados escolhida.

O trabalho curatorial, ou seja, a coleta e análise prévia do material encontrado, validando-o ou não, foi realizado até julho de 2021, sendo feita a primeira operação proposta por Lima e Miotto (2007): a leitura de reconhecimento do material bibliográfico. Essa ação culminou em uma base de dados de 435 trabalhos – cujas referências estão listadas numa página na internet (<https://bit.ly/3lXZ11M>). A tabela abaixo apresenta os parâmetros descritos, utilizados no levantamento. E na sequência encaminhamos as análises.

Tabela 1 - Caracterização do levantamento bibliográfico para a construção da base de dados

Parâmetro	
Temático	Ocupações estudantis brasileiras (2015-2016) Movimento estudantil chileno (2006-2011)
Linguístico	Português Inglês Espanhol
Principais fontes	Teses Dissertações Trabalho final de curso (graduação e especialização) Monografia Capítulo de livro Artigos publicados em anais Artigos publicados em periódicos
Cronológico	Até julho 2021
Base de dados	EBSCO JSTOR ProQuest Sage e Taylor & Francis Google Acadêmico Researchgate Academia

ANÁLISES

Vale iniciar estabelecendo uma descrição bastante geral dos trabalhos, observar os tipos de documentos encontrados no todo e para cada contexto mobilizatório. Isso é feito na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 - Tipos de documentos

Contexto / Tipo de Documento	Brasil	Chile	Brasil e Chile	Total (n)	Total (%)
Artigo em periódicos	127	172	2	301	69,2
Artigo em anais de eventos	32	14	1	47	10,8
Monografia (livro)	3	5	-	8	1,8
Capítulo de livro	9	21	2	32	6,9
Tese, Dissertação ou trabalho final de curso	30	17	-	47	11,0
Total	201	229	5	435	100,0

Apesar dos movimentos chilenos serem mais antigos, a produção científica localizada para os casos dos dois países é, relativamente, similar. Desse modo, o Brasil teve 203 estudos (46,3%), o Chile, 229 (52,5%) e foram encontrados 5 (1,2%) trabalhos que abordam os movimentos juvenis dos dois países. O tipo de documento mais comum nos dois casos foi artigo de revista científica, que soma 301 trabalhos (68,9%). Entretanto, esse tipo de publicação qualificada é maior para os estudos do Chile (172) do que no Brasil (127). Isso provavelmente reflete a já referida antiguidade dos protestos estudantis chilenos em relação aos do Brasil, uma vez que a produção científica requer tempo suficiente para ser desenvolvida. Por outro lado, no caso local, chama a atenção o número de trabalhos acadêmicos de graduação ou pós-graduação brasileiros que se voltaram às ocupações: 30 estudos, sendo o terceiro tipo de documento mais localizado no Brasil, após os artigos de eventos (32 trabalhos). Talvez isso esteja relacionado à escala e à diversidade do sistema de pós-graduação local. A tabela a seguir irá localizar a produção no tempo.

Tabela 3 - Ano de publicação dos trabalhos, por documento

	Artigo em periódicos		Artigo anais de eventos		Monografia (livro)		Capítulo de livro		Tese...		Total		Total geral	
	BR	CH	BR	CH	BR	CH	BR	CH	BR	CH	BR	CH	n	%
2007	-	3	-	-	-	1	-	-	-	-	-	4	4	0,9
2008	-	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	6	6	1,4
2009	-	2	-	1	-	-	-	-	-	1	-	4	4	0,9
2010	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2	2	0,5
2011	-	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	14	3,3
2012	-	21	-	1	-	-	-	4	-	4	-	30	30	7,0
2013	-	22	-	3	-	2	-	2	-	-	-	29	29	6,7
2014	-	20	-	4	-	-	-	1	-	3	-	28	28	6,5
2015	-	20	-	1	-	-	-	4	-	-	-	25	25	5,8
2016	16	25	2	1	1	1	-	5	1	2	20	34	54	12,6
2017	37	17	14	1	-	-	2	4	8	2	61	24	85	19,8
2018	25	13	9	1	1	-	4	1	12	2	51	17	68	15,8
2019	29	11	3	-	1	-	2	-	8	-	43	11	54	12,6
2020	9	1	3	-	-	-	1	-	-	-	13	1	14	3,3
2021	11	-	1	-	-	-	-	-	1	-	13	-	13	3,0
Total	127	172	32	14	3	5	9	21	30	17	201	229	430	100,0
	299		46		8		30		47		430		-	

Verificando a publicação dos trabalhos no tempo, nota-se que os pesquisadores logo perceberam relevância dos casos, pois apenas um ano após a eclosão do protesto dos secundaristas chilenos (2006) e dos brasileiros (2015) já são publicados trabalhos científicos sobre essas mobilizações. O volume geral de trabalhos apresentou crescimento quase constante até 2019 (com pico de 85 trabalhos, representando 19,8% do total), depois disso há uma queda no geral e também nos casos dos dois países. Entretanto, a diminuição do número de trabalhos é mais significativa a respeito dos estudos sobre os movimentos chilenos, e o próprio pico desse país tinha sido antes, em 2016 (com 34 trabalhos), o que talvez indique certa saturação dos estudos.

A seguir, tentaremos entender o âmbito disciplinar da produção, recorrendo à estratégia de contabilizar a área de foco dos periódicos científicos em que foram

publicados os artigos sobre os movimentos. Essa organização dos dados também nos permite notar como os trabalhos científicos têm sido publicados e circulado no mundo acadêmico como um todo. Em outras palavras, ao vermos quantos estudos sobre o movimento brasileiro foram publicados em revistas não locais, perceberemos a atenção que o assunto mereceu da comunidade científica de outros países. Naturalmente, a mesma lógica é válida para os trabalhos sobre o Chile.

Os poucos trabalhos que procuram analisar, com elementos comparativos, os casos do Chile e Brasil não foram inseridos na tabela, no entanto, a temporalidade deles é recente. Assim, dentre os cinco trabalhos, três são de 2020 e dois de 2021.

Tabela 3 - Área disciplinar dos periódicos em que foram publicados os artigos científicos

Contexto / Área do Periódico	Brasil		Chile		Total	
	Revista brasileira	Revista não brasileira	Revista chilena	Revista não chilena	N	%
Ciências Sociais	37	3	10	56	106	35,4
Educação	55	1	-	27	83	27,8
Comunicação e Informação	11	3	4	28	46	15,4
Interdisciplinar	5	1	7	8	21	7,0
Estudos culturais, Artes e Humanidades	7	1	1	10	19	6,3
Literatura, Linguística e Discurso	3	-	4	6	13	4,4
Estudos regionais	-	-	-	11	11	3,7
Total	118	9	26	146	299	100,0
	127		172		299	

Os dados da Tabela 3 oferecem, a partir do recorte dos artigos de revistas científicas, um indicador sobre as áreas disciplinares que abordam os movimentos estudantis. Pode-se notar, então, que, pela ordem total, as revistas das *Ciências Sociais* (com 106 trabalhos, correspondendo a 35,4% do total), as de *Educação* (com 83 artigos, sendo 27,8 do todo) e as de *Comunicação e Informação* (46 e 15,4%) possuem a maior

parte dos estudos. No caso brasileiro, porém, há protagonismo dos artigos publicados nas revistas de *Educação*.

Ao mesmo tempo, ao se efetuar análise de onde são os periódicos que publicam trabalhos sobre as mobilizações dos dois países, nota-se que a produção sobre o movimento chileno tende a ser bem mais divulgada em publicações que não são do próprio país, diferentemente do Brasil. Talvez, isso possa ser explicado por dois motivos inter-relacionados: 1) o fato do movimento chileno ser mais antigo e ter ocorrido no bojo de outras ações sociais que chamaram a atenção do mundo todo, inclusive de investigadores, 2) a expressividade do sistema acadêmico brasileiro que favorece a publicação em revistas do próprio país. É claro, porém, que se poderia dizer que a produção sobre os movimentos chilenos é mais internacionalizado, conforme mostram os dados dessa tabela. Nessa perspectiva, inclusive, é interessante explicar que o que chamamos de *Estudos Regionais* são os trabalhos – de periódicos como *Bulletin of Latin American Research*, *Journal of Latin American Studies* e *Journal of Global South Studies* – que privilegiam estudos sobre determinado contexto geográfico. E artigos desse gênero são apenas sobre os movimentos chilenos.

Como já mencionado, com o intuito de construir a sistematicidade, buscou-se realizar as primeiras caracterizações da base de dados, por meio de uma *leitura exploratória* junto à *leitura seletiva* (LIMA; MIOTO, 2007). Para isso, realizou-se uma leitura interpretativa do título e palavras-chaves dos artigos com viés comunicacional e o resultado transposto à tabela abaixo.

Tabela 4: Artigos com abordagem relacionada à comunicação

Contexto/ número	Brasil	Chile	Brasil-Chile	Total
n	56	94	1	151
%	37,08	62,25	0,66	100

O total de produções acadêmicas que interpretam o fenômeno pela vertente comunicacional é de 151 trabalhos. Desses 94 (62,25%) que tratam somente do

acontecimento chileno, 56 (37,08%) do movimento brasileiro e 1 (0,66) que faz uma análise comparativa entre os dois movimentos

A fim de compreender a veiculação e relevância das publicações buscou-se na plataforma *Qualis Periódicos* as revistas que veicularam as produções. Para a análise foi utilizado a classificação de periódicos quadriênio 2013-2016.

No caso brasileiro, das 56 produções, 27 têm essa característica de publicação e 25 revistas foram localizadas na avaliação da *Qualis Periódicos*. Quanto ao Chile, das 94 produções, 62 artigos são publicados em revistas acadêmicas e 42 artigos foram publicados em periódicos encontrados na *Qualis Capes*.

Figura 1 - Porcentagem de revistas científicas pela estratificação *Qualis Capes* - Chile

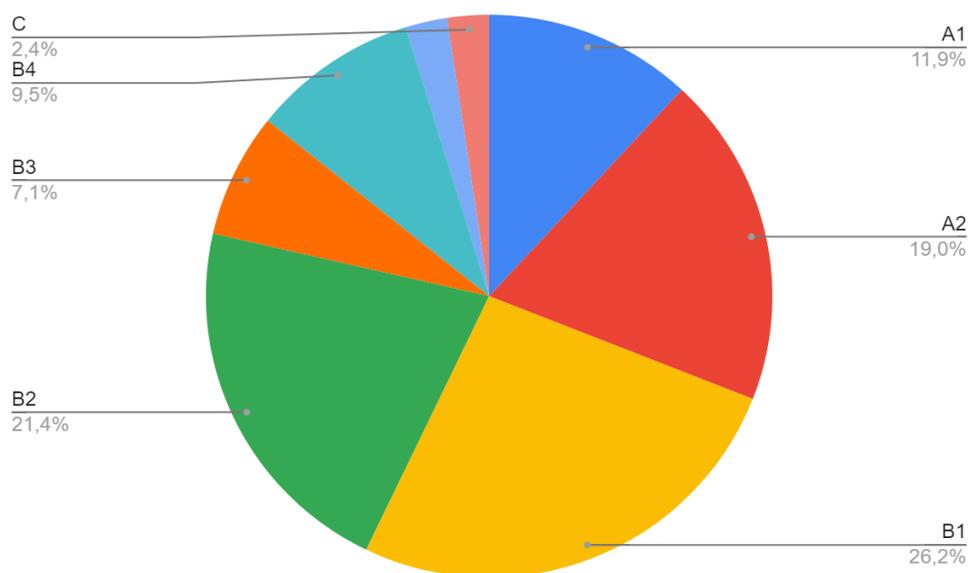
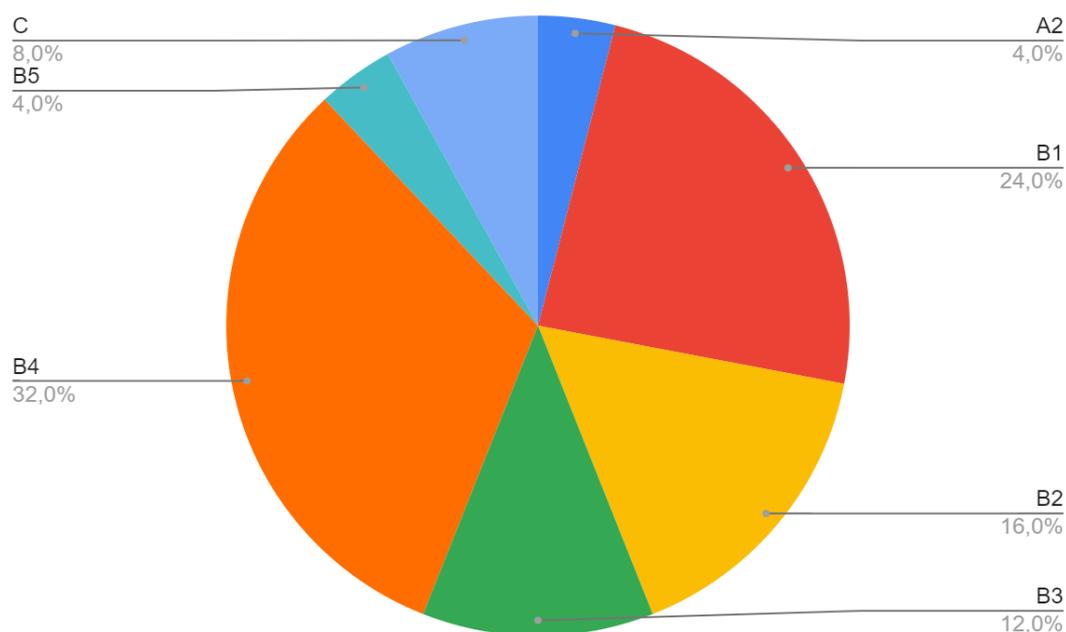


Figura 2 - Porcentagem de revistas científicas pela estratificação *Qualis Capes* - Brasil



Segundo a Plataforma *Nas Classificações de 2010-2012 e 2013-2016*, os veículos receberam classificações em estratos indicativos de qualidade A1, mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - peso zero.⁴

Os estratos A1 e A2 representam revistas de excelência internacional; B1 e B2 contemplam os periódicos nacionais de excelência; B3, B4 e B5 têm relevância mediana e o C não possui relevância acadêmica.

Dessa maneira, ilumina-se que o caso chileno tem 30,9% de publicações em periódicos A1 e A2, enquanto para o caso brasileiro esse índice é de 4%, vale ressaltar que não apresenta publicações em revista A1.

Quanto aos periódicos de excelência nacional (B1 e B2) correspondem a 47,6% das publicações sobre o Chile e sobre o Brasil 40%. A veiculação mais expressiva do fenômeno local se localiza na faixa da relevância mediana (B3, B4 e B5) 48%, já o Chile possui 16,6% de publicações de média relevância

Por fim, quanto às publicações em revistas C, que não possuem relevância acadêmica, o fenômeno brasileiro tem 8% e o chileno 2,4%.

⁴ Informação retirada do site: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/#>

É possível afirmar então que as publicações com viés comunicacional sobre o fenômeno chileno possuem maior circulação internacional, em detrimento ao fenômeno brasileiro.

CONCLUSÕES

O levantamento bibliográfico buscou mapear as publicações sobre dois fenômenos sociais, o movimento estudantil no Chile, nos anos de 2006 e 2011, e as ocupações escolares, ocorridas em 2015 e 2016, no Brasil.

A partir de análises das características de publicação das 435 produções, explorou-se os tipos de produção, o ano das publicações, a área disciplinar dos periódicos que hospedaram. Após o contexto geral das publicações, foram filtradas as de viés comunicacional e analisados o montante que está hospedado em periódicos com base nas *Classificações de 2010-2012 e 2013-2016*.

Por fim, o ponto a iluminar é o desafio da internacionalização das pesquisas com foco comunicacional das ocupações brasileiras. Ainda há poucas pesquisas com esse recorte em alcance global. A importância disso é a circulação das ideias e o amadurecimento da ótica comunicacional em estudos de movimentos sociais.

Deve-se reconhecer o caráter preliminar do levantamento aqui mostrado, mas ele é o primeiro passo para que possamos avançar as leituras, numa direção mais qualitativa e aprofundada do material, para efetuarmos inferências mais significativas. Em particular, teremos interesse no que diz respeito tanto ao estudo dos movimentos sociais em sua relação com a comunicação e a educação, quanto nas prováveis interfaces educacionais evidenciadas pela produção científica que estamos analisando.

REFERÊNCIAS

GOHN, M. da G. Movimentos sociais e educação no Brasil. In: MEDEIROS, J.; JANUÁRIO, A.; MELO, R. (Orgs.). **Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)**. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 37-52.

GROPPO, L. A. O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. In: COSTA, A. A. F.; GROppo, L. A. (Eds.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 85-117

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: A pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. esp., pp. 37-45, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

MARTINO, L. M. S. **Métodos de pesquisa em comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MEDEIROS, J.; JANUÁRIO, A.; MELO, R. Introdução. In: MEDEIROS, J.; JANUÁRIO, A.; MELO, R. (Orgs.). **Ocupar e resistir**: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). São Paulo: Editora 34, 2019. p. 19-34.

MONTES, R. Direita chilena fica sem opções de veto aos artigos da nova Constituição. **El País**, 19 maio 2021. Disponível em <https://bit.ly/3wMyauB>. Acesso em

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 1, pp. 53-66, 2012. Doi: <http://dx.doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896>

ROSSI, U. J. La movilización estudiantil chilena en 2011: Una cronología. **Observatório Social de América Latina**, n. 31, pp. 23-38, 2012. Disponível em <https://bit.ly/3hPUM9n>. Acesso em

XIMENES, S. B. Contra quem os estudantes lutam? As ocupações secundaristas no epicentro das disputas sobre escola pública. In: MEDEIROS, J.; JANUÁRIO, A.; MELO, R. (Orgs.). **Ocupar e resistir**: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). São Paulo: Editora 34, 2019. p. 53-74.